Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte CB (cidades)
Data 16/4/2003 Pg 22 e 23
Class. 83

MEIO AMBIENTE

Pouco se conhece das riquezas do segundo maior ecossistema brasileiro. Em seis tipos de paisagens diferentes, ele abriga 5% da biodiversidade vegetal do planeta

/// Imagem manipulada no computador/// Fotos: Edilson Rodrigues

No coração do cerrado

ANA BEATRIZ MAGNO
DA EQUIPE DO CORREIO

João Guimarães Rosa, diplomata de ofício, poeta do cerrado por encantamento, traduziu os caprichos dessa paisagem que ora é vereda verdinha, ora é campo esturricado de seco: "Ele não revela seus mistérios à gente que não é cativa desse destinozinho de chão".

É verdade. O cerrado, savana mais rica do mundo, segundo maior ecossistema brasileiro, é difícil de gostar, não tem a exuberância da Mata Atlântica nem a imensidão amazônica. Seu segredo está na vegetação, nas gramíneas rasteiras, nos pequis retorcidos — são 10 mil espécies de plantas, das quais 4.400, endêmicas.

Os especialistas ensinam que há seis tipos de paisagens diferentes que se revezam por aqui. Tanto abrigam espécies exclusivas da região como acolhem tesouros de outros biomas. São terras tão generosas que ajudam a salvar preciosidades ameaçadas, como o mogno.

No segundo capítulo da série sobre o cerrado que o **Correio Braziliense** publica uma vez por semana desde a segunda-feira passada, vamos mostrar cada um desses pequenos cerrados que fazem o cerrado. Para entendê-los, entrevistamos especialistas, andamos pelas matas, campos, veredas da fazenda Água Limpa, um santuário da ciência administrado pela Universidade de Brasília. São 4.200 hectares de laboratório a céu aberto, encravados numa Área de Proteção Ambiental, no Park Way.

Uma das pesquisas mais importantes dali está nas mãos da engenheira florestal Jeanine Felfili, 45 anos, uma apaixonada pelo cerrado, que desde 1983 mede os impactos do desmatamento na vegetação da região. Já chegou a dados importantes. Concluiu que 70% das espécies nativas não conseguem alcançar o tamanho natural depois de cortadas. "Algumas sequer voltam. Cada corte interrompe ciclos de até 60, 70 anos", explica a professora, militante do replantio de árvores nativas pelas casas, ruas e parques da cidade.

Ao contrário do que muita gente pensa, proteger o meio ambiente não é repetir a lengalenga dos ecologistas fanáticos. É uma questão de negócios. Especialistas calculam que a biodiversidade brasileira é um patrimônio natural que ultrapassa os US$ 2 trilhões, segundo estudos do Instituto Brasileiro dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). Tamanho valor está nas plantas, em seu potencial para a biotecnologia e a farmacologia. O incrível é que apenas 5% da flora mundial já foi estudada até hoje e apenas 1% se transformou em matéria-prima. As plantas do cerrado têm futuro. Biotecnólogos investigam segredos de nossas avós, as receitas caseiras para curar doenças.

É nesse aspecto que o cerrado ganha dos outros ecossistemas brasileiros. Da Amazônia sabe-se muito, é a vedete das pesquisas. O cerrado ainda é terra desconhecida. A carência é tanta que descobrir novas espécies virou rotina para Cássia Munhoz, aluna de doutorado de Jeanine, que tem apenas 34 anos e nos últimos três descobriu sete espécies novas entre os campos de Alto Paraíso e da fazenda da UnB. Uma delas, erva típica dos campos secos, ganhou o sobrenome de Cássia. É a *Eupatorium munhozi*, prima das cheirosas marcelas, usadas para encher travesseiros. "É claro que isso é um orgulho para qualquer biólogo, mas principalmente mostra como faltam pesquisas sobre o cerrado", analisa a bióloga.

A seguir, um pouco de cada um dos cenários que fazem do Distrito Federal uma ilha cercada de cerrado.

RIQUEZA

10 MIL

espécies de plantas, das quais 4.400 exclusivas da região, são abrigadas pelo cerrado, a savana mais rica do mundo em biodiversidade

CERRADO ARBÓREO

É a fatia mais sofrida do ecossistema. Só no Distrito Federal a destruição já devorou 70% do cerrado arbóreo. Rico em espécies, aparecem mais de 240 tipos diferentes por hectare. É lugar de árvores nem grandes nem pequenas, as alturas variam entre três e cinco metros, os troncos parecem cortiças cascudas e os galhos lembram labirintos. Foram moldados, como que calejados pelas dificuldades impostas pela natureza. Há quatro motivos para serem tão retorcidos: o fogo constante, os ventos fortes, as secas prolongadas e os solos pobres em recursos minerais.

O cerrado arbóreo acolhe espécies famosas como o pequi, o barbatimão, o araticum e a cagaita — aquele frutinho amarelo que vira deliciosa geléia, mas que devorado sem limites causa fortes diarréias. São árvores fortes, resistentes ao fogo, com raízes profundas que sobrevivem mesmo quando a queimada alcança todo o restante da planta.

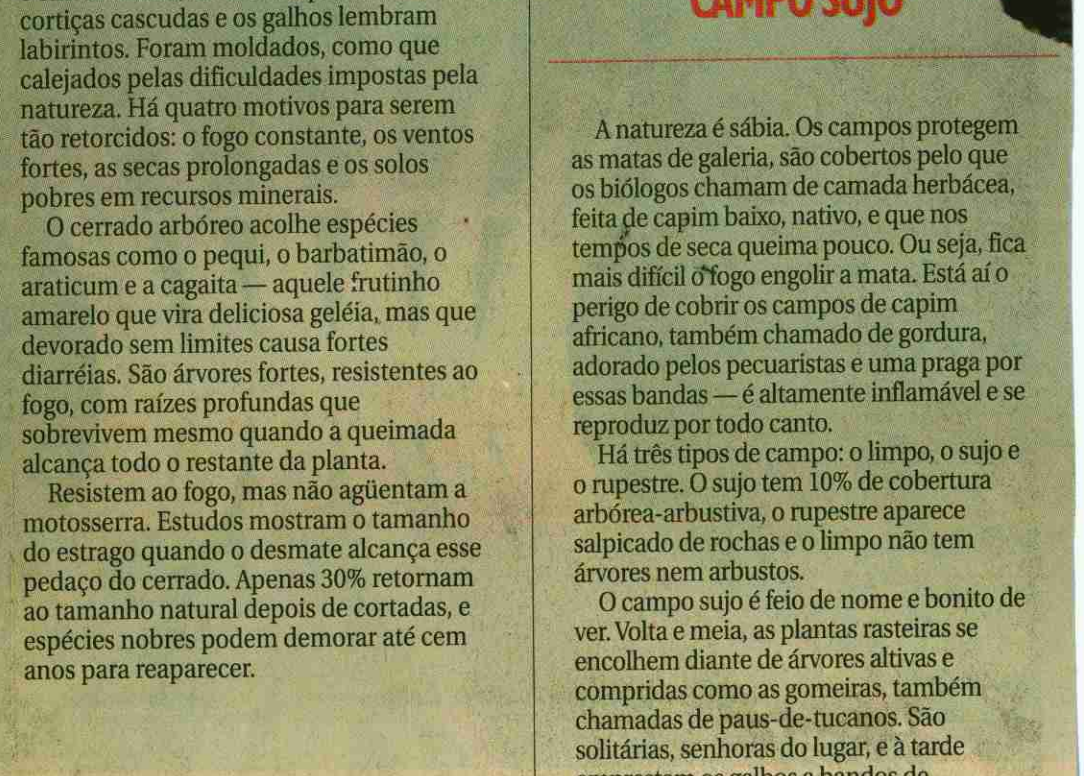
Resistem ao fogo, mas não agüentam a motosserra. Estudos mostram o tamanho do estrago quando o desmate alcança esse pedaço do cerrado. Apenas 30% retornam ao tamanho natural depois de cortadas, e espécies nobres podem demorar até cem anos para reaparecer.

CAMPO SUJO

A natureza é sábia. Os campos protegem as matas de galeria, são cobertos pelo que os biólogos chamam de camada herbácea, feita de capim baixo, nativo, e que nos tempos de seca queima pouco. Ou seja, fica mais difícil o fogo engolir a mata. Está aí o perigo de cobrir os campos de capim africano, também chamado de gordura, adorado pelos pecuaristas e uma praga por essas bandas — é altamente inflamável e se reproduz por todo canto.

Há três tipos de campo: o limpo, o sujo e o rupestre. O sujo tem 10% de cobertura arbórea-arbustiva, o rupestre aparece salpicado de rochas e o limpo não tem árvores nem arbustos.

O campo sujo é feio de nome e bonito de ver. Volta e meia, as plantas rasteiras se encolhem diante de árvores altivas e compridas como as gomeiras, também chamadas de paus-de-tucanos. São solitárias, senhoras do lugar, e à tarde emprestam os galhos a bandos de passarinhos.



Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte CB (cidades)
Data 16/4/2003 Pg 23
Class. 83

"É QUE O CERRADO NÃO REVELA SEUS MISTÉRIOS À GENTE QUE NÃO É CATIVA DESSE DESTINOZINHO DE CHÃO"

João Guimarães Rosa

CAMPO RUPESTRE

É cheio de pedras e vazio de árvores grandes. Fica no alto dos morros, tem solo escuro, quase preto e abriga espécies ameaçadas pela mão do homem, como as arnicas. São aquelas plantinhas de folhas eriçadas que mais parecem bonzais nativos, crescem entre as rochas e viram milagrosas pomadas contra inflamações. Servem também de calmante e emprestam bom sabor quando mergulham na cachaça. Tantas utilidades atiçaram a ganância dos laboratórios farmacêuticos. Enchem caminhões com populações inteiras de arniqueiras — as arnicas são solidárias, vivem em comunidades.

CAMPO LIMPO

É vazio de árvores e cheio de flores. A mais comum é a canela-de-ema, ora roxa, ora rosa, de caule tão fino que carrega no nome a lembrança das pernas de bailarina de uma das aves mais importantes da região. Tem também os palipalan, nome científico *Paepalanthus*, um delicado capricho da natureza, de hastes finas e pequeninos botões brancos nas pontas — parece um buquê de noiva nativo e é adorado por quem vive de transformar flores do cerrado em artesanato.

O solo dos campos limpos deixa a desejar. É raso, seco, cheio de alumínio e facilmente corroído pela erosão — protegê-lo é uma tarefa importante da vegetação rasteira. Por vezes, há um lençol freático superficial, com pequenos bolsões de água, especialmente em áreas de nascente, nas encostas e nos vales. Nessas fatias, ganham o nome de campos úmidos e costumam cercar as matas de galeria — é mais uma forma da natureza proteger a mata do fogo. Os especialistas garantem que queimadas são naturais no cerrado e costumam acontecer de três em três anos. O problema é que a degradação ambiental está alterando esses ciclos naturais. Todo ano tem queimada, todo ano ela alcança uma fatia maior do que no ano anterior.

VEREDA

É a casa dos buritis, aquelas palmeiras elegantes que Guimarães Rosa eternizou em *Grande Sertão Veredas* com a precisa definição do personagem Riobaldo: "Buriti é o verde que afina e esveste, belimbeleza". O buriti chega a 35m de altura, tem folhas grandes, em forma de leques, de onde despencam cachos de até 3m de comprimento recheados de coquinhos que nas mãos de uma boa doceira viram guloseima. A morada dos buritis anda sofrendo com o desmatamento. As veredas, áreas alagadas, férteis e cheias de nascentes, estão sumindo do cerrado.

MATAS DE GALERIA

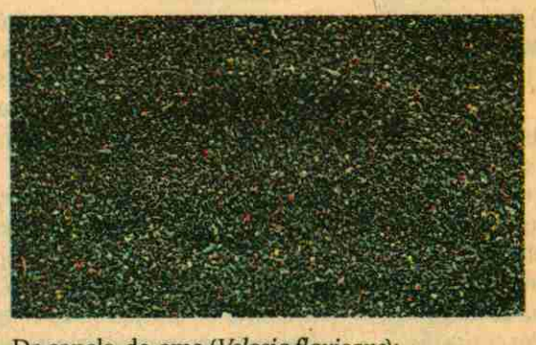
Está aí a alma do cerrado. São miniaturas de florestas, que ocupam apenas 5% do ecossistema, porém abrigam mais de 75% da fauna e 30% da flora da região. Refúgio de umidade, lá dentro os olhos não alcançam o céu, esbarram na copa de árvores gigantes de até 30m de altura. Tem copaíbas, figueiras, jequitibás, tapicurus, tudo madeira boa e cobiçada. Há tesouros de tamanho menor e valor maior, como os palmitos que sumiram da Mata Atlântica, mas que ainda enfeitam as matas daqui.

O solo é de terra preta, coberto de folhas velhas e cheirosas, que fertilizam a terra e permitem a reprodução das espécies. São caprichosas. Só se reproduzem nessas condições — com pouca luz e muita matéria orgânica. As matas de galeria carregam importante missão no equilíbrio ambiental: são ponto de encontro natural dos principais biomas e bacias hidrográficas do país. Têm espécies típicas da Mata Atlântica, da Caatinga, da Amazônia, do Pantanal e dos Campos Sulinos. Entre suas árvores gigantes e labirintos de cipós nascem rios que deságuam nas águas do Paraná, do Amazonas e do São Francisco.

Mas, a fartura desses oásis de biodiversidade corre sérios riscos. Só no Distrito Federal, mais de 45% das matas de galeria já desapareceram. Os efeitos do desmatamento vão muito além da perda de espécies. A retirada da vegetação provoca o assoreamento dos córregos e rios que atravessam as matas. Muitos chegam a sair de sua calha original. O desmate também facilita a entrada de espécies invasoras, como capins que carregam o fogo, impedem a regeneração natural e afugentam os animais.

SEMENTES DE RIQUEZA

De arnica (*Lychnophora ericoides*): cura contusões e inflamações



De canela-de-ema (*Velosia flavicans*): flor parece bicho, comum nos campos

De buriti (*Mauritia flexuosa*): embeleza veredas, e o coco vira doce

De tento (*Ormosia stipularis*): boa madeira, cresce perto dos córregos